

O EXEMPLO JAPONÊS

(VOLEIBOL MASCULINO)

Apesar do voleibol ter sido criado em 1895, somente em 1913 foi introduzido no Japão, pelo norte-americano E. W. Bronson. Os princípios e fundamentos do jogo eram os mesmos que no restante do mundo, porém, algumas particularidades foram adaptadas ao biotipo do povo asiático. Já em 1917, o Japão tinha sua primeira experiência internacional, ao disputar em Tóquio, com a China e as Filipinas, os 3.º Jogos Olímpicos do Extremo Oriente. Curiosamente, a altura da rede era bem mais baixa, as dimensões da quadra bem maiores, e, cada equipe, disputava o jogo com 16 atletas. Porém, nos 4.º Jogos Olímpicos do Extremo Oriente (1919), o número de atletas era mais reduzido: 12 por equipe. Mesmo quando em 1921, as medidas oficiais 9 por 18 metros foram adotadas em todo o mundo, os asiáticos permaneceram com quadras de maiores dimensões. Somente com a fundação da Associação de Voleibol Japonesa em 1927, as medidas oficiais da quadra foram adotadas e passou-se a disputar as partidas com 9 jogadores.

Face ao grande desinteresse do povo japonês por esse esporte, a Associação Japonesa praticamente se extinguiu. Mas, em 1945, após o término da 2.ª Grande Guerra Mundial, com a permanência das tropas americanas no Japão, o voleibol passou a ser novamente difundido. Foi recriada, então, a Associação de Voleibol, que, somente se filiou a Federação Internacional em 1951, apesar desta ter sido criada em 1948. Neste mesmo ano, as regras oficiais internacionais são regulamentadas; porém, somente em 1955 surgi-

ram as primeiras conseqüências destas regulamentações. Foram realizados dois campeonatos em Tóquio: um, com o voleibol jogado por 9 jogadores, onde tomaram parte o Japão, a Coréia, o Taiwan e Hong-Kong; o outro, já com 6 jogadores, disputado somente pelo Japão e pela Índia. Em 1960, o Japão participaria pela primeira vez de campeonatos fora da Ásia. Concorreu ao 4.º Campeonato Mundial de Voleibol, realizado no Rio de Janeiro, onde foi figura apagada, colocando-se em 8.º lugar, na frente somente de países sem a mínima tradição volibolística. Porém, como eles mesmos disseram na época, vieram ao Brasil para aprender. Foi criada uma comissão técnica que permaneceu algum tempo entre nós, fazendo um estudo minucioso de equipes brasileiras, partindo daqui para outros centros. Ainda para aprender, em 1961 foram à Europa pela primeira vez, perdendo os 22 jogos que disputaram, não com outras seleções, mas sim, contra equipes de clubes, a maior parte de países da Cortina de Ferro. Foi-lhes de grande valia essa excursão. No ano seguinte já disputaram o 5.º Campeonato Mundial (Moscou) em melhores condições, colocando-se em 5.º lugar, enquanto o Brasil, que também havia conquistado o 5.º posto no 4.º Campeonato Mundial, nesse caiu para 10.º lugar. Era uma preparação para os Jogos Olímpicos que se realizariam em Tóquio (1964) e como seria a primeira vez que a seleção japonesa participaria de uma Olimpíada, não queria fazer feio dentro de casa. Apesar de um honroso 3.º lugar, não se conformaram com esta colocação. Logo após o término das Olimpíadas,

MATSUDAIRA, que foi designado técnico permanente da seleção nacional, elabora um plano que ele mesmo denominou de "Plano de 8 anos para a vitória", visando, não as Olimpíadas do México, mas sim, as de Munique.

Cinco eram os pontos principais deste plano:

- 1 — Instituir uma liderança sólida, absoluta, sem alteração durante 8 anos, sob a inteira responsabilidade do técnico.
- 2 — Formar uma grande equipe sob todos os pontos de vista.
- 3 — Observar as condições peculiares e características da raça japonesa na seleção dos jogadores.
- 4 — Preparar novas táticas que se adaptem ao atleta japonês e que não sejam utilizadas na Europa.
- 5 — Completar 70% do plano até a ocasião das Olimpíadas do México, quando se escoar a metade do tempo do plano e os restantes 30%, que constituem parte muito trabalhosa, nos 4 anos que faltarem para Munique.

Os efeitos deste planejamento já se fazem sentir em 1966. Enquanto o Brasil se classificava em 13.º lugar no 6.º Campeonato Mundial, realizado em Praga, o Japão obtinha a 5.ª colocação, atrás somente de países da Cortina de Ferro. Os 70% de rendimento do planejamento de Matsudaira realmente ocorreram nos Jogos Olímpicos do México, como ele previra. O Japão colocou-se em 2.º lugar (medalha de prata). Teria, então, os 4 anos para atingir a apoteose teórica de seu ousado plano.

Em 1970, continuam a frutificar os efeitos do planejamento; no 7.º Campeonato Mundial (Sofia), obtêm o 3.º lugar, atrás da Alemanha Oriental e Bulgária, mas na frente de poderosas seleções como a Rússia e a Tcheco-Eslováquia. Era um bom prenúncio para os Jogos Olímpicos de Munique. Eis chegado o ano de 1972. Apoteose japonesa. Coincidência do final do plano de Matsudaira com a conquista da medalha de ouro pela seleção japonesa. Matsudaira é considerado o melhor técnico de voleibol do mundo. Era a consagração, não só de um técnico, mas do voleibol de um país.

Após esta rápida sinopse histórica, convém ressaltar alguns pontos interessantes do voleibol japonês. Eles têm sempre duas seleções que excursionam pelo mundo, colocando em prática suas táticas e testando as de seus futuros adversários de Olimpíadas e de Campeonatos Mundiais. Porém, continuam também a jogar voleibol com 9 jogadores em seu país, com altura de rede reduzida. Com isso, além de aumentar o número de adeptos para o esporte descobrem novos valores, que mais tarde, depois de burlados, irão formar na primeira linha do voleibol japonês. Outro detalhe importante é o descrédito inicial a um trabalho de profundidade. Como no resto do mundo, o japonês não acreditava, ou melhor dizendo, se impacientava com um planejamento a longo prazo. Queria obter frutos rápidos, não levando em consideração nem mesmo a escassez de material humano. Em vista disso, Matsudaira foi até mesmo

ridicularizado no Japão em 1965. Contudo, por acreditar em seu trabalho, prosseguiu. Sabendo que sua maior dificuldade seria evitar os bloqueios dos "gigantes" adversários (devido a diferença de estatura) criou o que chamamos de "ataque rápido combinado". Isto nada mais é do que um jogo extremamente veloz, combinado com um grande repertório de fintas.

Quando a seleção nacional japonesa se exhibe na Europa, é chamada de "Circo de Matsudaira", exatamente pela maneira rápida e espalhafatosa de suas jogadas.

Após as Olimpíadas de Munique, concedendo uma entrevista aos correspondentes internacionais, Matsudaira apontou o Brasil e a Alemanha Oriental como os adversários mais difíceis, sendo obrigado inclusive, no jogo contra o Brasil, a processar várias alterações táticas para obter êxito. Se assim pensa o técnico campeão olímpico, o que falta ao voleibol brasileiro para um maior sucesso? — Basicamente, duas coisas. Maior intercâmbio e um trabalho consciente a médio prazo. Analisemos superficialmente o nosso voleibol atual. Valores, nós temos. Apoio dos órgãos governamentais, nunca houve tanto. Gente com vontade de trabalhar em prol do voleibol, também. Então, é chegada a hora de reunir esses fatores positivos e, sob a orientação e responsabilidade do órgão competente (CBV), que seria a única entidade centralizadora, planejar e distribuir funções específicas, inalteráveis, até pelo menos a próxima Olimpíada.

Enquanto o Brasil limita-se a realizar campeonatos somente com países sem projeção no cenário volibolístico do mundo, Cuba, por exemplo, depois de muito jogar com seleções poderosas, já começa a mostrar os frutos do ensinamento. Basta recordar Cali e Munique.

Outro país onde surge uma mentalidade renovadora, para a preparação de suas representações, é a Finlândia. Procuremos observar, doravante, suas apresentações, levando-se evidentemente em consideração que o trabalho foi recém-iniciado.

No 1.º Concurso de Monografias, promovido pelo Departamento de Educação Física, Esportes e Recreação, em Brasília (1972), um trabalho sobre voleibol classificou-se em 1.º lugar. Chama-se "PLANO DE PREPARAÇÃO OLÍMPICA PARA 1976, VOLEIBOL MASCULINO"; seus autores, ex-alunos da Escola de Educação Física do Exército, professores Célio Cordeiro Filho, Carlos Eduardo Albano Feitosa e Manuel José Gomes Tubino, militantes no voleibol da Guanabara. Se é um trabalho de reconhecido valor, por que não serve de estrutura para um planejamento?

Bem, meus senhores. Todos acreditamos no futuro esportivo do Brasil. Portanto, "participemos", para que possamos, muito brevemente, fazer parte do grupo dos cinco grandes do voleibol mundial.